

Golpismo sem golpista

ALOYSIO AZEVEDO

Quando a Constituinte mandou os militares, magistrados e parlamentares pagarem o Imposto de Renda, como qualquer brasileiro, ela não fez mais que denunciar um privilégio odioso, uma típica relação do velho Estado cartorial. Da mesma forma, mas em sentido contrário, quando o Executivo aumenta os soldos dos militares com o equivalente ao que o IR descontaria, está sendo feita de fato uma desconstitucionalização (independentemente do mérito da questão). As Forças Armadas perdem com isso ingredientes de missão, de servidão, de força moderadora e passam a ser meramente um estabelecimento profissional, como outro qualquer. Aliás, o brigadeiro Camarinha já sugeria essa conotação com seu estilo sindicalista de agir.

Com o precedente aberto, fica difícil negar-se à magistratura e aos parlamentares a mesma regalia. Combinando-se esse movimento com todos aqueles que foram noticiados na volumosa edição do Diário Oficial de 4 de outubro último, mais a interpretação oficial do tabelamento dos juro e a subterrânea campanha que os empresários (em má hora) movem contra a pronta aplicação dos direitos sociais conquistados pelos trabalhadores na Constituição, tem-se aí um nítido processo de desconstitucionalização. Uma espécie de antipacto!

Por outro lado, todo esse noticiário sobre a viagem (em péssima hora) do presidente a Moscou. (Para que, eu não sei! A União Soviética realiza um grande esforço de contenção, para não dizer redução, de suas pretensões hegemônicas.) Sem querer, veio à minha lembrança a viagem de João Goulart à China, em 1961. Vendo lá o deputado Roberto Freire, em posição tão destacada na comitiva presidencial, não pude deixar de lembrar aquelas célebres palavras de Prestes, uma semana antes do golpe de 64: "Estamos no governo, mas não estamos no poder". Camarinha, Calazans, Pimentel e tantas greves federais... sim, federais! Inflação de 30% ao mês! A única coisa que impede o golpe é a falta de vontade organizada, a falta de golpista! Portanto, não há mais dúvida: catmos definitivamente na democracia.

Até o doutor Ulysses (quem diria!) deu a sua contribuição para o processo de desconstitucionalização,

com essa idéia maluca de sair por aí como "pai da criança", partidarizando a Carta, quando seus inimigos se preparavam para atacá-la. Bendita e milagrosa interinidade foi essa, que o colocou no centro das pressões e lhe evidenciou todos os perigos. Agora, finalmente, o Senhor Diretas poderá voltar à Presidência da Constituinte (sim, da Constituinte porque estamos de fato em pleno processo constituinte) e aproveitar esses dois meses que lhe restam à frente do Legislativo para presidir o verdadeiro pacto que a Nação angustiada aguarda: elaborar com urgência e com a colaboração de todos os democratas verdadeiros a legislação complementar indispensável à governabilidade do País (regras para a conversão desenvolvimentista da dívida, normas para a desindexação equilibrada dos preços e salários, definição e nomeação da autoridade monetária, regulamentação compreensiva do tabelamento de juro etc.). E elaborar essas leis através do mais amplo entendimento, de tal maneira que se consigam isolar apenas os mais empedernidos agentes da desconstitucionalização, transformando essa ação adversa em diálogo civilizado e consolidando a Constituição atual. Isso é o que se espera do doutor Ulysses e é esse o campo em que ele é realmente doutor.

Enquanto isso, é preciso que todas as forças envolvidas no chamado pacto antiinflacionário tenham o máximo de desprendimento e tolerância umas com as outras, para que o tempo e a razão desmanchem os fantasmas e coloquem na berlinda os verdadeiros dilemas nacionais em torno dos quais todos, todos mesmo, têm de se unir. Todas as idéias, venham de onde vier, devem ser vistas com generosidade e interesse porque, nesse quadro, podem ser utilizadas simultaneamente leis complementares, ordinárias, emendas constitucionais e revisionais (por que não?) a serviço de uma causa comum, a estabilidade democrática.

O que importa mais saber no momento é que o "mago da diástole" se foi e o general Geisel está, muito plantado. Sabe tudo, mas está muito plantado. A não ser que o Gláuber dê uma força e o PFL olhe mais para cima... Acho bom parar, porque de PFL não entendo nada.

Aloysio Azevedo é pós-graduado de Política na Universidade de São Paulo e consultor sindical.